

A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM SEGUNDO CALVINO

Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

“O mundo foi originalmente criado para este propósito, que todas as partes dele se destinem à felicidade do homem como seu grande objeto.” – João Calvino, **O Livro dos Salmos**, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.6), p. 172.

Deus nos criou *“e pôs neste mundo para ser glorificado em nós. E é coisa justa que toda nossa vida se destine à sua glória”*. – João Calvino, **Catecismo de Genebra**, Perg. 2. In: **Catecismos de la Iglesia Reformada**, Buenos Aires, La Aurora, 1962, p. 29.

“Sabemos que somos postos sobre a Terra para louvar a Deus com uma só mente e uma só boca, e que esse é o propósito de nossa vida.” – João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 6.5), p. 129.

INTRODUÇÃO:

No quinto século antes de Cristo, o filósofo sofista grego Protágoras (c. 480-410 a.C.), disse: *“O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são, e das que não são enquanto não são”*.¹ A Renascença se caracteriza pela tentativa de vivenciar este conceito. Neste período houve uma “virada antropológica”. Deus cedeu lugar ao homem, deixando de ser o centro das atenções; o “homem virtuoso” passou a ocupar o trono da história. “O homem pelo homem para o homem”; este é, de certa forma, o lema implícito do Humanismo Renascentista. Este “antropocentrismo refletido”, se retrata no homem renascentista, profundamente otimista no que se refere à sua capacidade; ele se julga em plenas condições de planejar o seu próprio futuro, sua existência individual, aproximar-se da perfeição; tudo está em suas mãos, nada lhe escapa. Marcílio Ficino (1433-1499), considerava o homem como uma “síntese de todas as maravilhas do universo”; ou, na sua expressão, “copula mundi” (“Nexo do mundo”). O homem passou a ser considerado como o centro do mundo, a imagem completa de todas as coisas; o livro da natureza.²

Assim, o homem não deve ficar olhando para as alturas mas, para dentro de si mesmo; há uma mudança de ótica e perspectiva e, conseqüentemente de valores. Deste modo, a metafísica é substituída pela introspecção, os olhares baixam do céu para o homem em sua concretude e beleza. Esta mudança, refletiu-se em todas as áreas do conhecimento

¹ **Apud** Platão, **Teeteto**, 152a. Aristóteles, diz: “O princípio (...) expresso por Protágoras, que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas (...) outra coisa não é senão que aquilo que parece a cada um também o é certamente. Mas, se isto é verdade, conclui-se que a mesma coisa é e não é ao mesmo tempo e que é boa e má ao mesmo tempo, e, assim, desta maneira, reúne em si todos os opostos, porque amiúde uma coisa parece bela a uns e feia a outros, e deve valer como medida o que parece a cada um.” (**Metafísica**, XI, 6. 1 062. Vd. também, Platão, **Eutidemo**, 286).

² Vd. René Descartes, **Discurso do Método**, São Paulo, Abril Cultural, (Os Pensadores, XVI), 1973, I, p. 41.

humano; o homem tornou-se o tema geral e central do saber: o corpo humano passou a ser reproduzido em telas; alguns artistas – visando conhecer mais exatamente os órgãos do corpo humano, para poder retratá-los melhor em suas obras –, praticaram a dissecação de cadáveres (Leonardo da Vinci). No campo educacional, surgem grandes mestres, preocupados com a formação do homem; originando-se daí, obras sobre o comportamento humano; *"a escritura de tratados acerca da educação dos príncipes, outrora tarefa dos teólogos, agora passa também a ser, naturalmente, assunto dos humanistas."*³

O prazer "carnal" por sua vez, passa a ser apreciado em detrimento do propagado "ascetismo" medieval: *"O Renascimento foi, sem dúvida, sensual..."*.⁴ Enfim, o homem é o tema e senhor da história; já não espera favores divinos; antes, pelo contrário, emprega seu talento pessoal para conseguir realizar os seus desejos; já não é mero espectador passivo do universo, mas seu agente, lutando para o modificar, melhorar e recriar. O humanismo renascentista é eminentemente ativista.

Este otimismo não era gratuito; ele estava acompanhado pela nova forma de ler, entender e criticar a literatura e a arte antigas; as línguas da Europa tornam-se aos poucos, no grande veículo de comunicação das idéias, a imprensa floresce, a navegação conhece seu sucesso através das descobertas de novos continentes. Copérnico (1473-1543)⁵ e Galileu Galilei (1564-1642) revolucionam a astronomia com uma nova compreensão do sistema solar⁶..., enfim, tudo aponta para a capacidade do homem em seus avanços vitoriosos; aparentemente, para este não há limites; ele é o centro de todas as coisas...

Creio que Francis A. Schaeffer (1912-1984), resume bem o antropocentrismo do Humanismo, dizendo que o *"Humanismo é a colocação do homem como centro de todas as coisas, fazendo-o a medida de todas as coisas."*⁷

De fato, a centralização do homem, a busca de sua essência como fim último de todas as coisas, não poderia nem pode gerar valores permanentes. Ainda hoje, curiosamente, somos muitas vezes levados a pensar no homem "como a medida de todas as coisas": como se a solução de todos os seus problemas estivesse simplesmente na capacidade de olhar para dentro de si. Ora, não estamos dizendo que a reflexão e a auto-análise não sejam relevantes, antes, o que estamos propondo, é que a essência do homem não pode ser simplesmente determinada em si e por si; é preciso uma dimensão verdadeiramente teológica, para que possamos entender melhor o que somos. A genuína antropologia deve ser sempre e incondicionalmente teocêntrica!

³ J. Burckhardt, **A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio**, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 163-164.

⁴ Jean Delumeau, **A Civilização do Renascimento**, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, Vol. I, p. 23.

⁵ Vd. Jean Delumeau, **A Civilização do Renascimento**, Vol. II, p. 144-146.

⁶ Vd. Philip Schaff & David S. Schaff, **History of the Christian Church**, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1996, Vol. VI, p. 561.

⁷ F.A. Schaeffer, **Manifesto Cristão**, Brasília, DF., Editora Refúgio, 1985, p. 27.

Calvino (1509-1564), comentando o desejo humano por lisonjas, acrescenta que, quando o homem se detém em si mesmo, não prosseguindo em suas investigações, permanece absorto na sua ignorância.

*"...Nada há que a natureza humana mais cobice que ser afagada de lisonjas. E, por isso, onde ouve seus predicados revestir-se de grande realce, para esse rumo propende com demasiada credulidade. Portanto, não é de admirar que, neste ponto, se haja transviado, de maneira profundamente danosa, a maioria esmagadora dos homens. Ora, uma vez que é ingênito a todos os mortais mais do que cego amor de si mesmos, de muito bom grado se persuadem de que nada neles existe que, com justiça, deva ser abominado. Destarte, mesmo sem influência de fora, por toda parte obtém crédito esta opinião de todo vã: que o homem é a si amplamente suficiente para viver bem e venturosamente (...). Daí, porque tem sido, destarte, acolhido com o grande aplauso de quase todos os séculos que, com seu encômio, haja mui favoravelmente exaltado a excelência da natureza humana (...). Portanto, se alguém dá ouvidos a tais mestres que nos detêm em somente mirarmos nossas boas qualidades, não avançará no conhecimento de si próprio, ao contrário, precipitar-se-á na mais ruinosa ignorância."*⁸

O Humanismo renascentista, sem dúvida, tomou uma parte importante da realidade, todavia, em geral, esqueceu-se da principal e, o mais trágico de tudo, é que o esquecido é Aquele Quem dá sentido a tudo o mais...

Calvino, compartilha da visão da grandeza do homem; no entanto, o seu ponto de partida é Deus. Um aspecto de extrema relevância em sua teologia, é o conceito da "imagem e semelhança" divina no homem. É sobre esta perspectiva que versa este ensaio embrionário.

1. O HOMEM FOI CRIADO APÓS DELIBERAÇÃO:

O "façamos" de Deus, conforme usado em Gênesis 1.26, (hC₁[h]), (na^aseh), qal, imperfeito, indica, segundo Calvino, que o homem foi criado após deliberação ou, como ele diz mais à frente, consulta. *"Até aqui Deus tem se apresentado simplesmente como comandante; agora, quando ele se aproxima do mais excelente de todas as suas obras, ele entra em consulta"*.⁹

Calvino diz que Deus poderia ter criado o homem ordenando pela sua simples palavra, o que desejasse que fosse feito, *"mas ele escolheu dar esse tributo à excelência do homem, com o qual, em certo sentido, entraria em consulta a respeito de sua criação"*.¹⁰

⁸ J. Calvino, **As Institutas**, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1985, II.1.2.

⁹ John Calvin, **Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis**, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans Publishing Co., 1996 (Reprinted), Vol. 1, p. 91.

¹⁰ John Calvin, **Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis**, Vol. 1, p. 91.

1.1. Deus Consulta a Si Mesmo:

Calvino diz que os judeus são “ridículos” por acharem que Deus consultou a terra ou os anjos.¹¹ Ele pergunta: Fomos criados à imagem da terra ou dos anjos? Moisés não exclui todas as criaturas, quando ele declara que Adão foi criado à imagem de Deus?

Desse modo, para Calvino Deus consulta a si mesmo: *"Mas desde que o Senhor não necessita de conselheiro, não há dúvida de que ele consultou a si mesmo. (...) Deus não convoca conselheiro alheio; daí nós inferimos que ele acha em si mesmo alguma coisa distinta; como, na verdade, sua eterna sabedoria e poder residem nele"*.¹²

1.2. Essa é a mais alta honra que Deus conferiu ao Homem:

O fato de Deus ter criado o homem após deliberação, tem dois objetivos na concepção de Calvino: 1) nos ensinar que o próprio Deus se encarregou de fazer algo grande e maravilhoso; 2) dirigir a nossa atenção para a dignidade de nossa natureza.¹³ Assim, ele conclui:

*"Verdadeiramente existem muitas coisas nesta natureza corrupta que pode induzir ao desprezo; mas se você corretamente pesa todas as circunstâncias, o homem é, entre outras criaturas, uma certa preeminente espécie da Divina sabedoria, justiça, e bondade, o qual é merecidamente chamado pelos antigos de mikrikosmoj (sic!) 'um mundo em miniatura'."*¹⁴

Comentando Gênesis 5.1, Calvino diz que Moisés repetiu o que ele havia dito antes, porque *"a excelência e a dignidade desse favor não poderia ser suficientemente celebrada. Foi sempre uma grande coisa, que o principal lugar entre as criaturas foi dado ao homem"*.¹⁵

Em Adão temos uma demonstração eloqüente da justiça divina: *"Adão foi inicialmente criado à imagem de Deus, para que pudesse refletir, como por um espelho, a justiça divina."*¹⁶

¹¹ Cf. John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, p. 92.

¹² John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, (Gn 1.26) p. 92..

¹³ Cf. John Calvin, **Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis**, Vol. 1, p. 92. Cf. João Calvino, **As Institutas**, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1985, I.15.3.

¹⁴ John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, p. 92.

¹⁵ John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, p. 227. Vd. J. Calvino, **As Institutas**, II.1.1.

¹⁶ João Calvino, **Efésios**, São Paulo, Paracletos, 1998, (Ef 4.24), p. 142.

2. O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS "IMAGEM" E "SEMELHANÇA":

Calvino passa a discutir sobre qual seria o significado das palavras “imagem e semelhança”. Teriam elas significados diferentes ou não?

Calvino conhece a opinião dos teólogos de sua época. Para a maior parte deles, a palavra "imagem" deve ser distinguida da palavra "semelhança". A distinção comum pode ser colocada da seguinte forma: imagem existe na substância; semelhança existe no acidente de alguma coisa. Isto seria o mesmo que dizer: *“imagem diz respeito àqueles talentos que Deus tem conferido sobre toda natureza humana; semelhança diz respeito aos dons gratuitos.”*¹⁷

No entanto, Calvino não concorda com essa distinção.¹⁸ Os termos *imāġ* (Çëlēm)¹⁹ e *semelhança* tllmD (D^emüth)²⁰ usados no texto de Gênesis, são entendidos como sinônimos, sendo empregados para se referirem, de forma enfática, ao ser humano como um todo, com todas as suas características essenciais; uma “verdadeira imagem”.

Calvino, após criticar àqueles que procuravam fazer uma distinção inexistente entre estas palavras, diz: *“Quando, pois, Deus decretou criar o homem à Sua imagem, porque não era tão claro, explicitamente o repete nesta breve locução: à semelhança, como se estivesse a dizer que iria fazer um homem no qual, mediante esculpidas marcas de semelhança, se haveria de a Si Próprio representar como em uma imagem. Por isso, referindo o mesmo pouco depois, Moisés repete duas vezes a frase imagem de Deus, omitida a menção de semelhança.”*²¹

As duas palavras são simplesmente explicativas uma da outra; uma define a outra, denotando uma semelhança exata, correspondendo ao original divino. Por isso, imagem e semelhança são usadas indistintamente nas Escrituras, referindo-se ao homem. (Vejam-se: Gn 5.1,3; 9.6; 1Co 11.7; Cl 3.10; Tg 3.9). Portanto, seja qual for a possível diferença existente entre os termos, nada de essencial indica.

Então, perguntamos: o que significa "imagem" e "semelhança" para Calvino?

¹⁷ John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, p. 93.

¹⁸ Ver: John Calvin, **Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis**, Vol. 1, p. 93. Mais à frente Calvino ressalta alguns pontos que sustentam sua idéia, afirmando: 1) sabemos que era costume entre os Hebreus repetir a mesma coisa em palavras diferentes; 2) A frase mostra que o segundo termo foi acrescido por causa da explicação; 3) No capítulo cinco, "semelhança" é usada no lugar da palavra "imagem".

¹⁹ A LXX traduz aqui por *eiġwn*.

²⁰ A LXX traduz aqui por *oġnoilwsij*.

²¹ João Calvino, **As Institutas**, I.15.3.

2.1. O que ela não é:

2.1.1. NÃO TEM A VER COM O FÍSICO:

Calvino afirma que existem alguns teólogos que procedem com um pouco mais de sutileza e dizem que a imagem de Deus não é corpórea; contudo, erram ao manterem “*que a imagem de Deus está no corpo do homem porque a sua admirável feitura brilha claramente.*”²² No entanto, “*o homem foi feito conforme a Deus não mediante influxo de substância, mas pela graça e poder do Espírito.*”²³

Sendo assim, o homem não foi feito da mesma substância de Deus, apenas foi-lhe concedido alguns de Seus atributos. Continuando esta linha de raciocínio, diz: “*Contemplando a glória de Cristo, estamos sendo transformados, como pelo Espírito do Senhor, Que, certamente, opera em nós, na mesma imagem Sua, contudo, não assim que nos renda consubstanciais a Deus.*”²⁴

Desta forma, dizer que o homem foi criado por Deus segundo o próprio modelo divino (Ef 4.24) não significa dizer que o homem seja fisicamente igual a Deus; Deus não tem forma, é espírito (Jo 4.24), nem significa que seja da mesma essência, visto que esta é incomunicável (Ef 4.24).

2.1.2. NÃO CONSISTE SOMENTE NO DOMÍNIO SOBRE O MUNDO:

Calvino critica a Crisóstomo que sustentava que imagem de Deus consiste somente no domínio que Deus conferiu ao homem, para que ele agisse como vice-gerente de Deus no governo do mundo (1Co 11.7). Ele entende que esta é apenas uma pequena porção da imagem de Deus no homem.²⁵

2.2. O Que Ela é:

2.2.1. CONSISTE EM "RETIDÃO" E "VERDADEIRA SANTIDADE":

De acordo com Efésios 4.24 e Colossenses 3.10, a imagem consiste em "retidão" e "verdadeira santidade".²⁶ Isto, porque Paulo diz que pelo Evangelho somos transformados à imagem de Deus (2 Co 3.18).

Calvino explica o que significa "retidão" e "verdadeira santidade". Ele diz: “*Portanto, por essa palavra, a perfeição de nossa natureza completa é designada, como ela apareceu quando Adão foi dotado de um correto julgamento, tinha afeições em harmonia com a razão, tinha todos os sentidos sãos e bem regulados, e*

²² John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, p. 94.

²³ J. Calvino, *As Institutas* I.15.5.

²⁴ J. Calvino, *As Institutas* I.15.5.

²⁵ Cf. John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 94.

²⁶ Cf. John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 94.

verdadeiramente excedido em tudo o que é bom".²⁷ "O homem tinha sua claridade espiritual, retidão de coração e integridade em todas as suas partes, onde devido a queda todos essas áreas foram afetadas".²⁸

2.2.2. CONSISTE DE IMORTALIDADE:

O homem é imortal (possui uma essência imortal) e mesmo depois da queda possui tanto a imortalidade como o senso dela. A consciência que discerne entre o bem e o mal respondendo ao juízo de Deus é um sinal do senso de imortalidade do homem.²⁹

2.2.3. CONSISTE DE INTELIGÊNCIA, RAZÃO E AFEIÇÕES:

Calvino descreve a imagem de Deus da seguinte forma: "Pois havia uma adaptação das várias partes da alma, que correspondia com suas várias funções. Na mente, perfeita inteligência florescia e reinava, retidão assistia como sua parceira, e todos os sentidos eram preparados e moldados para a adequada obediência à razão; e no corpo havia uma adequada correspondência com essa ordem interna. (...) Mas aqui a questão é em referência àquela glória de Deus que peculiarmente brilha na natureza humana, onde a mente, a vontade, e todos os sentidos representam a ordem Divina".³⁰

A imagem e semelhança refletem, em Adão, características próprias através das quais ele poderia se relacionar consigo mesmo, com o mundo e com Deus. A imagem de Deus é uma pré-condição essencial para o seu relacionamento com Deus, e expressa, também, a sua natureza essencial: o homem é o que é, por ser a imagem de Deus: não existiria humanidade senão pelo fato de ser a imagem de Deus; esta é a nossa existência autêntica e toda inclusiva. Portanto, o homem não simplesmente possui a imagem de Deus, como algo externo ou acessório, antes, ele é a própria imagem de Deus.

Como tal, o homem reflete a justiça e a santidade de Deus: é a "expressão mais nobre e sumamente admirável de Sua justiça, e sabedoria e bondade".³¹

2.3. O Fundamento Principal da Imagem está no "Coração" e na "Mente":

Calvino passa a mostrar onde reside essa "retidão" e "santidade". Elas residem na mente e no coração, onde "retidão" e "santidade" eram mais eminentes.³²

Conhecemos por meio da descrição bíblica que o homem foi criado de forma íntegra, sem pecado algum. A queda, porém, trouxe conseqüências desastrosas à imagem de Deus refletida no homem.

²⁷ John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 94-95.

²⁸ J. Calvino, *As Institutas*, I.15.4.

²⁹ Ver: J. Calvino, *As Institutas*, I.15.2.

³⁰ John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 95, 96.

³¹ João Calvino, *As Institutas*, I.15.1.

³² Cf. John Calvin, Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis, Vol. 1, (Gn 1.25), p. 95.

O que podemos saber com certeza, é que mesmo depois da queda, a imagem de Deus não foi aniquilada.³³ A sede da imagem de Deus no homem reside em sua alma; ela é espiritual.³⁴ Entretanto, esta imagem se irradia no “*próprio homem exterior*”,³⁵ inclusive no seu corpo, o que faz com que “*a natureza do homem se sobreleva por entre todas as espécies de seres animados*”.³⁶ Portanto, “*que fique isso estabelecido, que a imagem de Deus que se percebe ou esplende nestas marcas exteriores é espiritual*”.³⁷

3. IMAGEM DE DEUS APÓS A QUEDA:

Após a queda, mesmo o homem não regenerado continua sendo imagem e semelhança de Deus: Apesar do pecado ter sido devastador para o homem, Deus não apagou a sua “imagem”, ainda que a tenha corrompida, alienando-o de Deus,³⁸ “*Pelo que, embora concedamos não haja sido nele aniquilada e apagada de todo a imagem de Deus, foi ela, todavia, corrompida a tal ponto que, o que quer que resta, é horrenda deformidade*”.³⁹ “*Sabemos, porém, que, pela queda de Adão, toda a humanidade caiu de seu primitivo estado de integridade; porque, pela queda, a imagem divina ficou quase que totalmente extinta de nós, e fomos igualmente despojados de todos os dons distintivos pelos quais teríamos sido, por assim dizer, elevados à condição de semideuses. Em suma, de um estado da mais sublime excelência fomos reduzidos a uma condição de miserável e humilhante destruição*”.⁴⁰ “*É verdade que ela não foi*

³³ “Quando de seu estado original decaiu Adão, não há a mínima dúvida de que por esta defecção se haja alienado de Deus. Pelo que, embora concedamos não haja sido nele aniquilada e apagada de todo a imagem de Deus, foi ela, todavia, corrompida a tal ponto que, o que quer que resta, é horrenda deformidade.” (J. Calvino, **As Institutas**, I.15.4.). “É verdade que ao vir a este mundo, trazemos conosco um remanescente da imagem de Deus com a qual Adão foi criado: porém esta mesma imagem está tão desfigurada que estamos repletos de injustiças e em nossas mentes não há senão cegueira e ignorância.” [Juan Calvino, *Se Deus fuera nuestro Adversario*: In: **Sermões Sobre Job**, Jenison, Michigan, T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 6), p. 86].

³⁴ J. Calvino, **As Institutas**, I.15.3.

³⁵ J. Calvino. **Institutas** I.15.3. Comentando sobre este assunto Calvino diz: “não deixo, certamente, de admitir que a forma exterior, até onde nos distingue e separa dos animais brutos, a Deus, ao mesmo tempo, mais intimamente nos une. Nem mais veementemente contenderei, se alguém insista que sob [o conceito de] imagem de Deus se leve em conta que ‘os outros animais enquanto que para baixo inclinados, o solo contemplam, ao homem se deu um semblante voltado para cima, e se determinou para o céu mirar e à estrelas erguer os vultos eretos’, contanto que fique isso estabelecido, que a imagem de Deus que se percebe ou esplende nestas marcas exteriores é espiritual.” (J. Calvino. **Institutas** I.15.3).

³⁶ Vd. J. Calvino, **As Institutas**, I.15.3. “Adão tinha suas afeições ajustadas a razão, todos os sentidos afinados em reta disposição e, mercê de exímios dotes, verdadeiramente refletia a excelência de seu opífice”. (J. Calvino, **As Institutas**, I.15.3).

³⁷ J. Calvino. **Institutas** I.15.3.

³⁸ “Pelo pecado estamos alienados de Deus.” [João Calvino, **Efésios**, (Ef 1.9), p. 32]; “Tão logo Adão alienou-se de Deus em consequência de seu pecado, foi ele imediatamente despojado de todas as coisas boas que recebera.” [João Calvino, **Exposição de Hebreus**, São Paulo, Paracletos, 1997, (Hb 2.5), p. 57]. Ver: João Calvino, **As Institutas**, II.1.5.

³⁹ João Calvino, **As Institutas**, I.15.4. Vd. Juan Calvino, **Breve Instrucción Cristiana**, Barcelona, Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 13; João Calvino, **Efésios**, (Ef 4.24), p. 142.

⁴⁰ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.5), p. 169. Ver: João Calvino, **As Institutas**, II.1.5.

totalmente extinta; mas, infelizmente, quão ínfima é a porção dela que ainda permanece em meio à miserável subversão e ruínas da queda.⁴¹ Permanecem, portanto, no homem, “vestígios” do Seu Criador: “*O primeiro homem foi criado por Deus em retidão; em sua queda, porém, arrastou-nos a uma corrupção tão profunda, que toda e qualquer luz que lhe foi originalmente concedida ficou totalmente obscurecida. (...) Só quando aliado ao conhecimento de Deus é que alguns dos dotes a nós conferido do alto se pode dizer que possui alguma excelência real. À parte disso, eles se acham viciados por aquele contágio do pecado que não deixou sequer um vestígio no homem de sua integridade original*”.⁴²

Antes de pecar, Adão tinha uma compreensão genuína a respeito de Deus. No entanto, “*após a sua rebelião, ficou privado da verdadeira luz divina, na ausência da qual nada há senão tremenda escuridão*”.⁴³ A Queda trouxe sérias conseqüências: a morte e a escravidão. “*Como a morte espiritual não é outra coisa senão o estado de alienação em que a alma subsiste em relação a Deus, já nascemos todos mortos, bem como vivemos mortos até que nos tornamos participantes da vida de Cristo*”.⁴⁴ “*O gênero humano, depois que foi arruinado pela queda de Adão, ficou não só privado de um estado tão distinto e honrado, e despojado de seu primevo domínio, mas está também mantido cativo sob uma degradante e ignomínia escravidão*”.⁴⁵ “*Todos nós estamos perdidos em Adão*”.⁴⁶ “*Não teremos uma idéia adequada do domínio do pecado, a menos que nos convençamos dele como algo que se estende a cada parte da alma, e reconhecamos que tanto a mente quanto o coração humanos se têm tornado completamente corrompidos*”.⁴⁷

O homem, “*em sua queda, foi despojado de sua justiça original, sua razão foi obscurecida, sua vontade, pervertida, e que, sendo reduzido, a este estado de corrupção, trouxe filhos ao mundo semelhantes a ele em caráter. Se porventura alguém objetar, dizendo que essa geração se confina aos corpos, e que as almas jamais poderão derivar uns dos outros algo em comum, eu responderia que Adão, quanto em sua criação foi dotado com os dons do Espírito, não mantinha um caráter privativo ou isolado, mas que era o representante de toda a humanidade, que pode ser considerado como tendo sido dotado com esses dons em sua pessoa; e deste conceito necessariamente se segue que, quando ele caiu, todos nós, juntamente com ele, perdemos nossa integridade original*”.⁴⁸

Quando refletimos sobre as causas do pecado devemos estar atentos ao fato de que a “*nossa ruína se deve imputar à depravação de nossa natureza, não à natureza em si,*

⁴¹ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 8.5), p. 169.

⁴² João Calvino, **O Livro dos Salmos**, São Paulo, Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 62.9), p. 579.

⁴³ João Calvino, **Efésios**, (Ef 4.18), p. 137.

⁴⁴ João Calvino, **Efésios**, (Ef 2.1), p. 51.

⁴⁵ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 8.6), p. 171.

⁴⁶ João Calvino, **Efésios**, (Ef 1.4), p. 24.

⁴⁷ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431.

⁴⁸ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431-432. Ver: John Calvin, **Commentaries on the Epistle of James**, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House Company, 1996, (Calvin's Commentaries, Vol. XXII), (Tg 3.9) p. 323.

em sua condição original, para que não lhe lancemos a acusação contra o próprio Deus, autor dessa natureza”.⁴⁹ Portanto, a responsabilidade é nossa, não de Deus: “Só uma exceção se deve fazer, a saber: que a causa do pecado, as raízes do qual sempre reside no próprio pecador; não têm sua origem em Deus, pois resulta sempre verdadeiro que ‘A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim o teu socorro’ [Os 13.9]”.⁵⁰

O pecado atingiu a todos os homens; “Pecado não é algo peculiar a uns poucos, senão que permeia o mundo inteiro”⁵¹ e ao homem todo: “No tocante ao reino de Deus e a tudo quanto se acha relacionado à vida espiritual, a luz da razão humana difere pouquíssimo das trevas; pois, antes de ser-lhe mostrado o caminho, ela é extinta; e sua perspicácia não é mais digna que a cegueira, pois quando vai em busca do resultado, ele não existe. Pois os princípios verdadeiros são como as centelhas; essas, porém, são apagadas pela depravação da natureza antes que sejam postas em seu verdadeiro uso”.⁵² Nascermos pecadores, diferentemente de Adão: “Agora não nascemos tais como Adão fora inicialmente criado, senão que somos a semente adulterada do homem degenerado e pecaminoso”.⁵³

O pecado continuará em toda a nossa peregrinação terrena a exercer influência sobre nós; por isso, qualquer conceito de perfeccionismo espiritual, que declare que o crente não mais peca, é antibíblico. A Palavra de Deus ensina enfaticamente que nós pecamos, mesmo após o nosso novo nascimento.⁵⁴ O que nos distingue da nossa antiga condição é que não mais temos prazer no pecado; podemos até dizer que o pecado é um acidente de percurso na vida dos regenerados.⁵⁵ Antes o pecado comandava o nosso pensar e agir, agora ele ainda nos influencia, todavia não mais reina. “O pecado deixa apenas de reinar, não, contudo de neles habitar”.⁵⁶

Desta forma, podemos dizer, que mesmo o homem regenerado, continua “totalmente depravado”; em todas as áreas do seu ser há o estigma do pecado; todavia, não de forma tão intensa como no não-regenerado.

⁴⁹ João Calvino, **As Institutas**, II.1.10

⁵⁰ João Calvino, **Exposição de Romanos**, São Paulo, Paracletos, 1997, (Rm 1.24), p. 71.

⁵¹ João Calvino, **Efésios**, (Ef 2.2), p. 52.

⁵² João Calvino, **Efésios**, (Ef 4.17), p. 134-135.

⁵³ João Calvino, **Efésios**, (Ef 2.3), p. 56.

⁵⁴ “Quanto trazemos ainda conosco de nossa carne é algo que não podemos ignorar, pois ainda que a nossa habitação está no céu, todavia somos ainda peregrinos na terra.” [J. Calvino, **Exposição de Romanos**, (Rm 13.14), p. 462].

⁵⁵ “Portanto, assim são os filhos de Deus libertados da servidão do pecado mediante a regeneração: não que, como se já havendo adquirido plena posse da liberdade, nada mais de perturbação sintam de sua carne; pelo contrário, que lhes permaneçam perpétua causa de luto de onde sejam postos em xeque, mas ainda melhor apreendam sua fraqueza. E nesta matéria entre si acordam todos os escritores de juízo mais são: subsistir no homem regenerado uma acendalha de mal, de onde brotem incessantemente desejos que a pecar o atraiam e excitam. Confessam, ademais, que a tal ponto são, destarte, mantidos enredados os santos por essa enfermidade de concupiscência que não possam obstar que freqüentemente sintam comichões e sejam incitados ou à licenciosidade, ou à avareza, ou à ambição, ou a outros vícios.” (João Calvino, **As Institutas**, III.3.10).

⁵⁶ João Calvino, **As Institutas**, III.3.11.

4. RESTAURAÇÃO:

A imagem de Deus foi corrompida pela queda e, é restaurada através da salvação em Cristo, onde o objetivo é nos fazer a imagem e semelhança dEle.⁵⁷ Desta forma Cristo nos remodela à imagem de Deus. Detalhemos isso:

Como se pode depreender, na presente condição, “*os homens se acham num deplorável estado a menos que Deus os trate misericordiosamente, não debitando seus pecados em sua conta*”.⁵⁸ No entanto, Deus concede-nos o Evangelho, que é poderoso reconciliar-nos com Ele.⁵⁹ Portanto, sem o Evangelho, “*todos permaneceremos malditos e mortos à vista de Deus.*”⁶⁰ No entanto, “*O propósito do evangelho é a restauração da imagem de Deus em nós, a qual fora cancelada pelo pecado*”.⁶¹ Portanto, o caminho que resta ao homem, destituído de sua glória primeva, é o reconhecimento de sua miséria e torne humildemente para Deus, tributando-lhe glória.⁶²

Se na criação de Adão vemos estampada a graça de Deus,⁶³ em nossa restauração espiritual, através da regeneração, contemplamos a manifestação da graça de forma “*muito mais rica e poderosa do que na primeira [criação]*”.⁶⁴

Comentando 2Co 3.18, interpreta: “*A partícula de comparação ‘como’: aponta para o método de nossa transformação*”⁶⁵ na imagem de Deus, isto é, através da ação transformadora, renovadora do Espírito Santo, por intermédio do evangelho. “*No evangelho temos uma revelação aberta de Deus*”.⁶⁶ O apóstolo Paulo realça a força renovadora desta revelação e a necessidade de nosso progresso diário nela. Assim, “*o evangelho não seria morte nem contemplação infrutífera, porque, através dele somos transformados na imagem de Deus*”;⁶⁷ é justamente por este Evangelho que podemos

⁵⁷ “É, por isso, o começo da recuperação da salvação temo-lo nesta restauração que conseguimos através de Cristo, que, por esta causa, é também chamado Segundo Adão, por isso que nos restitui à verdadeira e completa integridade.” (J. Calvino, *As Institutas* I.15.4).

⁵⁸ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 32.1), p. 39.

⁵⁹ “Pela lei Deus exige o que lhe é devido, todavia não concede nenhum poder para cumpri-la. Entretanto, por meio do Evangelho os homens são regenerados e reconciliados com Deus através da graciosa remissão de seus pecados, de modo que ele é o ministério da justiça e da vida.” [João Calvino, *Exposição de 2ª Coríntios*, São Paulo, Paracletos, 1995, (2Co 3.7), p. 70].

⁶⁰ João Calvino, *Exposição de 1ª Coríntios*, São Paulo, Paracletos, 1996, (1Co 4.15), p. 143. “O fato de que o Evangelho é aroma de morte para os ímpios não vem tanto de sua própria natureza, mas da própria perversidade humana. Ao determinar um caminho de salvação, ele elimina a confiança em quaisquer outros caminhos.” [João Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 1.16), p. 58].

⁶¹ João Calvino, *Exposição de 2ª Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78-79. Vd. *As Institutas*, III.6.1.

⁶² Cf. João Calvino, *As Institutas*, II.2.1.

⁶³ Ver: João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.7-9), p. 173-174; J. Calvino, *As Institutas* I.15.5; João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo, Novo Século, 2000, p. 37.

⁶⁴ João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142.

⁶⁵ João Calvino, *Exposição de 2ª Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78.

⁶⁶ João Calvino, *Exposição de 2ª Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78.

⁶⁷ João Calvino, *Exposição de 2ª Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78.

não só conhecer a Deus, mas ser transformados, progressivamente, na Sua imagem.⁶⁸ A regeneração objetiva a nossa conformação à imagem de Cristo.⁶⁹ Ela é restaurada no homem “*ao longo de toda a nossa vida, porque Deus fez sua glória brilhar em nós paulatinamente*”.⁷⁰ “*Portanto, a única maneira de entrarmos no reino de Cristo é pela renovação segundo a própria imagem de Cristo.*”⁷¹ “*é necessário dizer que ela [imagem] nos será restaurada por meio de Cristo.*”⁷²

Este crescimento se findará na Segunda Vinda de Cristo, quando seremos transformados definitivamente na Sua imagem: “*Agora começamos a exhibir a imagem de Cristo, e somos transformados nela diária e paulatinamente; porém, esta imagem depende da regeneração espiritual. Mas, depois, seremos restaurados à plenitude, quer em nosso corpo, quer em nossa alma; o que agora teve início será levado à completação, e alcançaremos, em realidade, o que agora apenas esperamos.*”⁷³

5) ALGUMAS IMPLICAÇÕES:

5.1. O Valor do Homem

O homem deve ser respeitado, amado e ajudado porque é a imagem de Deus.⁷⁴ Por mais indigno que seja, devemos considerar: “*A imagem de Deus nele é digna de dispormos a nós mesmos e nossas posses a ele*”.⁷⁵ Por isso, “*Não temos de pensar continuamente nas maldades do homem, mas, antes, darmos conta de que ele é portador da imagem de Deus*”.⁷⁶

“Deus, ao criar o homem, deu uma demonstração de sua graça infinita e mais que amor paternal para com ele, o que deve oportunamente extasiar-nos com real espanto; e embora, mediante a queda do homem, essa feliz condição tenha ficado quase que totalmente em ruína, não obstante ainda há nele alguns vestígios da liberalidade divina então demonstrada para com ele, o que é suficiente para encher-nos de pasmo”.⁷⁷ “*A Escritura nos ajuda com um excelente argumento, ensinando-*

⁶⁸ “Que tampouco estas coisas acontecem todas de uma vez, mas que, por meio da imagem de um progresso contínuo, crescemos no conhecimento de Deus e na conformidade da imagem do seu Filho. Este é o significado de **glória em glória**” [João Calvino, **Exposição de 2ª Coríntios**, (2Co 3.18), p. 78].

⁶⁹ “Adão perdeu a imagem que originalmente recebera; portanto, é necessário dizer que ela nos será restaurada por meio de Cristo. Por isso o apóstolo ensina que o propósito na regeneração é guiar-nos de volta do erro àquele fim para o qual fomos criados.” [João Calvino, **Efésios**, (Ef 4.24), p. 142].

⁷⁰ João Calvino, **Exposição de 2ª Coríntios**, (2Co 3.18), p. 79.

⁷¹ João Calvino, **Exposição de 1ª Coríntios**, (1Co 15.50), p. 488.

⁷² João Calvino, **Efésios**, (Ef 4.24), p. 142.

⁷³ João Calvino, **Exposição de 1ª Coríntios**, (1Co 15.49), p. 488.

⁷⁴ Ver: João Calvino, **A Verdadeira Vida Cristã**, p. 37-38.

⁷⁵ João Calvino, **A Verdadeira Vida Cristã**, p. 38.

⁷⁶ João Calvino, **A Verdadeira Vida Cristã**, p. 38.

⁷⁷ João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 8.7-9), p. 173-174.

*nos a não pensar no valor real do homem, mas só em sua criação, feita conforme a imagem de Deus. A ele devemos toda honra e o amor de nosso ser”.*⁷⁸

Esta perspectiva deverá nortear sempre a nossa consideração a respeito do ser humano: *“Se recordarmos que o homem foi feito à imagem de Deus, devemos considerá-lo como santo e sagrado, de sorte que não pode ser violado sem violar também, nele, a imagem de Deus”.*⁷⁹

5.2. A Imagem de Deus e os Crentes:

Nos eleitos, os da “família da fé”, Deus tem renovado e restaurado por meio do Espírito a imagem de Deus.⁸⁰ Através da regeneração, Deus *“cria de novo Sua imagem em seus eleitos”.*⁸¹ Definindo arrependimento, escreve: *“O arrependimento é uma regeneração espiritual cujo objetivo é que a imagem de Deus, obscurecida e quase apagada em nós pela transgressão de Adão, seja restaurada. (...) Assim, pois, mediante essa regeneração, somos restabelecidos na justiça de Deus, da qual tínhamos sido despojados por Adão. Pois a Deus agrada restabelecer integralmente todos os que Ele adota na herança da vida eterna.”*⁸²

Este é o grande “bem” de Deus para os seus: **“Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”** (Rm 8.28). O “bem” dos filhos de Deus é tornar-se cada vez mais identificado com o seu Senhor (Rm 8.29-30). Neste propósito, até mesmo as aflições *“cooperam para o bem”*: *“Os sofrimentos desta vida longe estão de obstruir nossa salvação; antes, ao contrário, são seus assistentes. (...) Embora os eleitos e os réprobos se vejam expostos, sem distinção, aos mesmos males, todavia existe uma enorme diferença entre eles, pois Deus instrui os crentes pela instrumentalidade das aflições e consolida sua salvação. (...) As aflições, portanto, não devem ser um motivo para nos sentirmos entristecidos, amargurados ou sobrecarregados, a menos que também reprovemos a eleição do Senhor, pela qual fomos predestinados para a vida, e vivamos relutantes em levar em nosso ser a imagem do Filho de Deus, por meio da qual somos preparados para a glória celestial”.*⁸³ (grifos meus).

5.3. O Amor ao Próximo Como Uma Implicação da Imagem de Deus no Homem:

*“Nosso amor deve ser visivelmente estendido a toda a raça humana”.*⁸⁴ Entretanto, nosso dever de amar o próximo não reside nele mesmo, mas sim na consideração que devemos dar *“à imagem de Deus em todos, à qual nada fiquemos a dever tanto de honra quanto de amor. Entretanto, essa mesma imagem deve ser mais diligentemente*

⁷⁸ João Calvino, A Verdadeira Vida Cristã, p. 37.

⁷⁹ Juan Calvino, Breve Instrucción Cristiana, p. 25.

⁸⁰ João Calvino, A Verdadeira Vida Cristã, p. 37.

⁸¹ João Calvino, O Livro dos Salmos, São Paulo, Parakletos, 2002, Vol. 3, (Sl 100.1-3), p. 549.

⁸² João Calvino, As Institutas, (1541), II.5.

⁸³ J. Calvino, Exposição de Romanos, (Rm 8.28,29), p. 293,295.

⁸⁴ J. Calvino, Exposição de Hebreus, (HB 6.10), p. 160.

*observada nos domésticos da fé [Gl 6.10], até onde foi ela renovada e restaurada pelo Espírito de Cristo”.*⁸⁵

Continuando, diz Calvino: “*Portanto, quem quer que seja dos homens que agora se te depare que careça de tua ajuda, causa não tens por que te furtas e assisti-lo. Dize que é ele um estranho: o Senhor, no entanto, imprimiu-lhe um traço que te deve ser de um membro da família, em razão de que veda desprezada tua própria carne [Is 58.7]; dize que é ele desprezível e sem valor: o Senhor, no entanto, mostra ser ele um a quem dignou da honra de Sua imagem; dize que de nenhuns serviços seus estás em dívida para com ele: Deus, no entanto, como que o substabelece em Seu lugar, para com quem hajas, destarte, de reconhecer tantos e tão grandes benefícios, com os quais a Si te há Ele envencilhado; dize que indigno é ele de que por sua causa faças sequer o mínimo esforço, digna, no entanto, é a imagem de Deus, pela qual se te recomenda ele, a que te ofereças a ti próprio e a tudo que tens”.*⁸⁶

Considerando a possibilidade de nos determos equivocadamente na maldade alheia, diz: “*Se com nosso amor cubrimos e fazemos desaparecer as faltas do próximo, considerando a beleza e a dignidade da imagem de Deus nele, seremos induzidos a amá-lo de coração. (Ver Hb 12.16; Gl 6.10; Is 58.7; Mt 5.44; Lc 17.3,4).*”⁸⁷

5.4. A Imagem de Deus e a Adoração:

Calvino afirma que o brilho da imagem de Deus no homem se constitui em motivo para que este O adore. Ele diz que “*assim como Deus deve ser adorado por todas as suas obras, Ele o deve ser especialmente pelo homem, em quem Sua imagem e glória peculiarmente brilham”.*⁸⁸

Ele afirma que a ofensa ao homem é antes de tudo ofensa a Deus, de quem o homem é portador da imagem. Deste modo, os verdadeiros adoradores honram a Deus, sem maldizer o seu próximo, que é a imagem de Deus. Continua: “*esta hipocrisia não pode ser tolerada, quando o homem emprega a mesma língua para adorar a Deus e maldizer o homem. Não pode haver nenhum direcionamento a Deus, Seu louvor deve cessar, quando a maledicência prevalece. Isto é a profanação ímpia do nome de Deus, quando a língua é virulenta contra o seu irmão e ao mesmo tempo finge adorar a Deus. Desta forma o homem não pode adorar a Deus, a maledicência contra o nosso irmão deve ser corrigida”.*⁸⁹

Com o propósito de escapar desta implicação, alguns afirmavam este não é um pecado de fato contra Deus, uma vez que a imagem de Deus fora deformada com o pecado. No entanto, Calvino afirma que “*quando alguém objeta ao dizer que a imagem de Deus na natureza humana foi manchada pelo pecado de Adão, devemos, entretanto, [responder] que ela foi miseravelmente deformada, mas de uma forma que algumas de suas*

⁸⁵ J. Calvino, *Institutas* III.7.6. Ver também: J. Calvino, *Exposição de Hebreus*, (HB 6.10), p. 160.

⁸⁶ J. Calvino. *Institutas* III.7.6.

⁸⁷ João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, p. 38.

⁸⁸ John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, (Tg 3.9) p. 322.

⁸⁹ John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, (Tg 3.9), p. 322-323.

*características ainda permanecem. Justiça, retidão e a liberdade de escolher o que é bom, foram perdidas. Entretanto muitos dons excelentes, pelas quais nós superamos a rudeza, ainda permanecem. Aquele, pois que verdadeiramente adora e honra Deus, terá medo de caluniar o homem”.*⁹⁰

A piedade é, portanto, uma relação teologicamente orientada do homem com Deus em sua devoção e reverência e, a sua conduta bíblicamente ajustada e coerente com o seu próximo. A piedade envolve comunhão com Deus e o cultivo de relações justas com os nossos irmãos. “A obediência é a mãe da piedade”, resume Calvino.⁹¹

5.5. A Imagem de Deus e o Quinto Mandamento:

Calvino diz que a obediência é a espécie do gênero honra.⁹² A paternidade humana é uma honra concedida por Deus ao ser humano; Pai de forma absoluta é somente Deus. Somos pais, “*porque Deus outorgou fazer-[nos] participantes da honra que é própria exclusivamente dEle.*”⁹³ Portanto, “*ao intentar contra nosso pai ou mãe, fazemos guerra com Deus. Pois ele imprimiu a sua estampa neles, e o seu título faz-nos saber que Deus os coloca, como se estivessem, em Seu lugar.*”⁹⁴ Ele afirma que quando “*menosprezamos nossos pais e mães, e desprezamos o cumprimento do nosso dever perante eles, Deus é expressamente ofendido por isso, não apenas porque quebramos um dos mandamentos da lei, mas também porque desprezamos a sua majestade, a qual pais e mães tem de certa forma.*”⁹⁵

Ele argumenta afirmando ser este o motivo de haver severa punição na lei para os filhos desobedientes. Aqueles que desobedeciam aos seus pais não ofendiam a eles primariamente, mas afrontavam a Deus, Quem os instituiu, investindo-lhes de poder e lhes imprimindo Sua imagem. Em suma, a desobediência aos pais, é uma negação do próprio homem, que é a imagem e semelhança de Deus. “*Quando a criança não consegue encontrar em seu coração submissão aos seus pais e mães, e Deus assim fala [condenando], é para nos mostrar que este é um crime tão ultrajante e perverso, pois é como se eles estivessem completamente dispostos a abolir sua [própria] natureza.*”⁹⁶

⁹⁰ John Calvin, Commentaries on the Epistle of James, (Tg 3.9), p. 323.

⁹¹ John Calvin, **Commentaries of the Four Last Books of Moses**, Vol. 1, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, (Calvin’s Commentaries, Vol. II), 1996 (Reprinted), (Dt 12.32), p. 453.

⁹² João Calvino, **Exposição de Efésios**, (Ef 6.1), p. 178. em outro lugar, Calvino explica o significado de honrar os pais: “Que os filhos sejam humildes e obedientes a seus pais, os honrem e reverenciem; que com seus próprios trabalhos lhes ajudem em suas necessidades, e que estejam a seu mandado, como são a eles obrigados” [João Calvino, **Catecismo de Genebra**, Perg. 186. In: **Catecismos de la Iglesia Reformada**, p. 69]. Acrescenta: “Pouco importa que sejam dignos ou indignos de receber esta honra, pois, sejam o que sejam, o Senhor nos deu por pai e mãe e deseja que lhes honremos.” [Juan Calvino, **Breve Instruccion Cristiana**, p. 24]. Ver: J. Calvino, **As Institutas**, II.8.35-36.

⁹³ John Calvin, **Sermons on Ephesians**, Carlisle, Banner of the Truth, 1987 (reimp), p. 623. “Aqueles a quem faz partícipes destes títulos ilumina-os como que com uma centelha de Seu fulgor, de sorte que sejam, cada um, dignos de honra de conformidade com sua posição de eminência. Destarte, aquele que nos é pai, nele é próprio reconhecer algo divino, porquanto não sem causa é portador do título divino.” [João Calvino, **As Institutas**, II.8.35].

⁹⁴ John Calvin, **Sermons on Ephesians**, p. 623.

⁹⁵ John Calvin, **Sermons on Ephesians**, p. 623.

⁹⁶ John Calvin, **Sermons on Ephesians**, p. 623.

Os filhos, portanto, cheios do Espírito, revelam a sua condição espiritual no seu relacionamento com os seus pais, amando, obedecendo e honrando-os “no Senhor”. A autoridade dos pais, passa, previamente pela submissão ao nosso Soberano Pai que é Deus; obviamente a nossa fidelidade a Deus tem a primazia num possível conflito de senhores.⁹⁷

A nossa vida espiritual não pode estar dissociada do nosso viver cotidiano; o Espírito deu-nos uma nova ótica na qual a nossa compreensão da vida foi mudada e, conseqüentemente, as nossas relações foram refeitas à luz da nossa nova compreensão e do poder do Espírito. O tratamento digno e respeitoso que conferimos aos nossos pais é uma evidência da nossa comunhão com o Espírito (Cl 3.20). Essa obediência no Senhor é justa diante de Deus e, na obediência fiel a Deus, somos abençoados por Ele mesmo.

São Paulo, 01 de novembro de 2001.

Colaboradores:

Christian Brially de Medeiros
Hermisten Maia Pereira da Costa
João Artur dos Santos
José Maurício Passos Nepomuceno
Marlon Antonio de Oliveira
Mauro Filgueiras Filho
Ricardo Rios Melo
Roberto Cristian Verburg
Wilson de Angelo Cunha

⁹⁷ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, II.8.38; Juan Calvino, *Breve Instruccion Cristiana*, p. 24-25.